

Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 4

Data de Aceite: 10/02/2026

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE OS IMPACTOS DAS METODOLOGIAS DE ENSINO NA RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE NA UNIVERSIDADE

Rosaria da Paixão Trindade

Orientadora, Departamento de Tecnologia, Universidade Estadual de Feira de Santana

Weslei Silva Santos

Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Engenharia da Computação, Universidade Estadual de Feira de Santana.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

INTRODUÇÃO

A universidade é um dos espaços propícios à formação. Neste espaço, existem alguns fatores de grande importância para a construção do conhecimento e desenvolvimento de competências: a relação professor e estudante, que pode favorecer a interação e a motivação. Quando esta relação é conturbada e/ou conflitante, isso tende a prejudicar todo o processo de ensino e aprendizagem.

Quando o professor tem uma concepção mecânica da aprendizagem e usa estratégias baseadas nesta concepção, ele acaba não favorecendo discussões e a autorregulação da aprendizagem. Então, observa-se que, enquanto existem estratégias de ensino que favorecem a relação professor e estudante, outras acabam os afastando. Segundo Cunha,

É, também, no contexto das relações professor-aluno que desembocam e se objetivam as ideias a respeito da educação escolar, particularmente da dinâmica da sala de aula. Devido à natureza destas interações, professor e aluno influenciam-se mutuamente, mediante trocas comportamentais, dando corpo ao processo de ensino-aprendizagem e conduzindo-o a um resultado adquirido ou reformulado que chamamos de conhecimento (CUNHA, 2003, p. 10).

Nesse contexto, uma sala de aula que não oferece espaço para os alunos parti-

ciparem, expressarem suas ideias, relacionarem o conteúdo com outras áreas de conhecimento e contextualizarem com o mercado de trabalho, pode impactar negativamente na motivação deles para se engajarem e estudarem. Isso pode resultar em reprovação na disciplina e até mesmo causar a evasão dos estudantes.

Uma característica importante na relação professor e estudante, é o diálogo, pois é por meio dele que professor e aluno podem estabelecer entendimento mútuo. Segundo Belotti e Faria (2010),

Pode-se considerar que o diálogo é fundamental para qualquer tipo de relacionamento. No caso do ensino e aprendizagem é fundamental que o educador se volte ao educando, de forma que o enxergue como um sujeito que vem já com muitos saberes, mas no seu contexto de vida. Compreender esse mundo individualizado do educando dará ao professor subsídios para seu trabalho em sala de aula, uma vez que esse mundo irá influenciar sobremaneira o modo como os alunos construirão os conteúdos escolares (Belotti e Faria, 2010, p. 6-7).

Através do diálogo, é possível compreender as necessidades individuais de cada aluno, ritmos e estilos de aprendizagem e os desafios enfrentados. Dessa forma, o diálogo permite uma avaliação contínua das estratégias pedagógicas utilizadas, promovendo a adaptação e o aprimoramento do processo educativo. Segundo Lima e

Santos (2017), a experiência de um trabalho profissional não pode ser formadora se não efetiva uma reflexão sobre esse fazer, o que evidencia a importância de os professores utilizarem a experiência adquirida e aprimorar as práticas pedagógicas e gerar saberes.

A maneira como o professor conduz as aulas faz toda diferença na aprendizagem dos alunos, influenciando diretamente sua capacidade de aprender, engajamento nas atividades e desenvolvimento de habilidades para o seu crescimento acadêmico e profissional. Além disso, a escolha da metodologia também tem impacto significativo na relação do professor e estudante, podendo influenciar a comunicação, motivação e o nível de colaboração entre ambas as partes. Segundo Santos,

[...] o problema central em sala de aula está na opção que o professor faz, seja pelo ensino que ministra ao aluno, seja pela aprendizagem que o aluno adquire – perspectivas diferentes que trazem resultados também diferentes (Santos, 2001, p. 2).

Nesse sentido, torna-se mais evidente a influência da metodologia no desempenho e na motivação dos estudantes, assim como na relação entre professor e estudante. Segundo Chickering & Gamson,

As pessoas trazem diferentes talentos e estilos de aprendizado para a faculdade. Estudantes brilhantes na sala de seminários podem ser desajeitados no laboratório ou no estúdio

de arte. Estudantes ricos em experiência prática podem não se sair tão bem com teoria. Os estudantes precisam da oportunidade de mostrar seus talentos e aprender de maneiras que funcionem para eles. Em seguida, podem ser estimulados a aprender de novas maneiras que não venham tão facilmente (Chickering e Gamson, 1987, p. 6, tradução própria).

Ao selecionar uma metodologia, vale considerar que os alunos aprendem de maneiras diferentes, levando em conta suas habilidades, preferências e estilos de aprendizado. E como afirmou Silva (2017, p. 107), “a distinção dos tempos dos sujeitos aponta para uma perspectiva de análise que deixa claro que os ritmos de aprendizagens são distintos, como distintos são os sujeitos.” Ou seja, os alunos possuem ritmos e tempos de aprendizado diferentes.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem o objetivo de analisar os impactos das metodologias de ensino na relação professor e estudante na universidade. O termo “impacto”, aqui utilizado refere-se à como a metodologia pode influenciar a dinâmica dessa interação, afetando a motivação, o engajamento e a eficácia do processo de aprendizagem. Pretende-se, ainda, identificar estratégias e práticas docentes no contexto da escrita acadêmica, principais metodologias de ensino utilizadas pelos professores, analisar se há relação entre metodologia de ensino e motivação dos estudantes e relacionar práticas docentes exitosas, na percepção dos estudantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação professor e estudante vai muito além de uma simples comunicação ou cumprimento. Ela está embasada no entendimento mútuo, na confiança, no respeito e no compartilhamento de conhecimento e experiências. Segundo Belotti e Faria (2010, p. 1), “se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta”. Dessa forma, quando o professor sabe das dificuldades e desafios enfrentados pelos alunos e compreende suas necessidades individuais, e com isso busca ajudar de alguma forma, como adaptar sua abordagem de ensino para atendê-los, cria-se um ambiente propício para o aprendizado.

Essa identificação dos desafios e dificuldades só é possível através do diálogo entre ambos. Para isso, é necessário que o professor crie um ambiente empático e inclusivo, onde os alunos possam dialogar e tirar suas dúvidas sem julgamentos. Quando os alunos se sentem valorizados e compreendidos pelo professor, são mais propensos a se engajar ativamente no processo de aprendizagem, tendo maior participação nas discussões em sala de aula e buscando assistência, quando necessário. Essa valorização e compreensão também têm um impacto significativo na motivação dos alunos, desde a frequência às aulas até o comprometimento com os estudos.

A relação entre professor e estudante é fundamental para o processo de aprendizagem. Este vínculo transcende a simples transmissão de informações, envolvendo a construção conjunta do conhecimento. Ele desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades cognitivas, críticas e sociais dos alunos, sendo profundamente influenciado pela metodologia de

ensino e pelas práticas pedagógicas adotadas pelo professor.

Segundo Santos (2001, p. 1-2), “o professor se caracteriza como um especialista no seu campo de conhecimento, porém não necessariamente domina a área educacional e pedagógica”. Ou seja, é importante que o professor não só domine o conteúdo específico da sua disciplina, mas também desenvolva habilidades pedagógicas para comunicar esse conhecimento de forma clara e acessível para os alunos. Então, é essencial que os professores busquem constantemente aprimorar suas práticas pedagógicas, adotando práticas inovadoras, optando pela interatividade em sala de aula. Essas práticas podem incluir o uso de tecnologias educacionais, atividades práticas e métodos de ensino que estimulem a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

Belotti e Faria (2010, p. 5) afirmam que “na sua prática pedagógica o professor também aprende com o aluno”. À medida que o professor tem contato com os alunos, ele desenvolve experiência não só em ensinar, mas passa a compreender melhor as diferentes perspectivas e dificuldades dos estudantes. É importante destacar que, muitas vezes, os professores adquirem habilidades no uso de recursos tecnológicos com o auxílio dos próprios estudantes. Essas experiências que são obtidas através da relação professor e estudante se transformam em saberes, contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas, e, conseqüentemente, das aprendizagens.

Para Freire (2007, p. 19) “o professor precisa ser um aprendiz ativo e cético na sala de aula, que convida os alunos a serem curiosos e críticos [...] e criativos”. Essa citação ressalta que o professor não deve de colocar na posição de transmitir conheci-

mento de forma unilateral, mas sim cultivar um ambiente de colaboração, onde tanto ele quanto os alunos estejam engajados em um processo de construção do saber. Ao adotar essa perspectiva, o professor não se coloca como detentor do conhecimento, mas como um mediador do processo de aprendizagem, incentivando a curiosidade e a criatividade nos alunos, favorecendo uma boa prática educativa.

Uma grande contribuição para a prática educativa, aborda os “Sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”, de Chickering e Gamson (1991), que posteriormente foram aplicados na pesquisa de Santos (2001).

Segundo Chickering e Gamson as boas práticas na educação de graduação são:

- 1- Encorajar o contato entre estudantes e membros do corpo docente.
- 2- Desenvolver a reciprocidade e a cooperação entre os estudantes.
- 3- Promover a aprendizagem ativa.
- 4- Fornecer feedback imediato.
- 5- Enfatizar o tempo dedicado à tarefa.
- 6- Comunicar expectativas elevadas.
- 7- Respeitar talentos diversos e diferentes formas de aprendizado.

O primeiro princípio está diretamente relacionado à interação entre professor e estudante, onde o incentivo ao contato entre ambos resulta em uma melhor relação. Quando os membros do corpo docente estão dispostos a dialogar, isso pode gerar um senso de pertencimento na comunidade acadêmica, fortalecendo os laços entre todos os envolvidos no processo educacional.

O próximo princípio traz uma outra perspectiva importante de aprendizagem, na qual está a aprendizagem colaborativa.

Esse aprendizado em grupo envolve a interação entre os alunos, possibilitando a troca de conhecimento, a construção coletiva de entendimento e o desenvolvimento de habilidades sociais importantes. Ao trabalhar em conjunto, os alunos têm a oportunidade de compartilhar diferentes pontos de vista, discutir ideias, resolver problemas em conjunto e aprender uns com os outros. Além disso, o aprendizado colaborativo pode proporcionar um ambiente de encorajamento entre os alunos, o que pode aumentar a motivação e o engajamento no processo de aprendizagem.

Ademais, pode ocorrer do aluno se sentir mais à vontade de tirar dúvida com o seu colega do que com o seu professor, pois inicialmente é mais fácil o aluno dialogar com um sujeito que está na mesma posição que ele. É interessante ressaltar que a relação entre professor e estudante vai sendo moldada ao longo das aulas. Então, com o tempo o aluno terá maior segurança em dialogar e tirar suas dúvidas com o professor.

O princípio seguinte destaca a importância de implementação de metodologias ativas. Embora as aulas expositivas sejam valiosas para o ensino e a aprendizagem, é essencial que haja uma abordagem prática e interativa, para promover uma aprendizagem mais completa. Isso significa que os alunos devem ser envolvidos ativamente no processo de aprendizagem, através de atividades práticas, experimentação, resolução de problemas, debates e projetos. Ao aplicar os conceitos teóricos em situações práticas, os alunos têm a oportunidade de consolidar seu entendimento e adquirir uma maior compreensão do conteúdo. No entanto, é importante ressaltar que a escolha entre diferentes abordagens de ensino depende das habilidades específicas que o professor deseja que os alunos desenvolvam.

Vale ressaltar que quando o professor opta por atividades que requeiram um maior participação dos estudantes em sala de aula, ele acaba favorecendo muito a relação professor e estudante, pois isso encoraja a participação dos alunos e também os faz expressarem suas opiniões e questionar conceitos.

O quarto princípio é muito importante para a melhora do aprendizado do aluno. É necessário que o aluno seja avaliado para verificar se o que ele está fazendo está correto e, com isso, obtenha sugestões de como melhorar seu desempenho em determinada área. Essa avaliação construtiva não só fornece feedback ao aluno sobre seu progresso, mas orienta o professor na identificação de lacunas de aprendizagem e na adaptação do ensino para atender às necessidades e dificuldades dos estudantes.

O princípio seguinte destaca a importância do tempo dedicado a cada aspecto do ambiente de aprendizagem. Para que o aluno desenvolva uma compreensão sólida dos conceitos abordados, é essencial equilibrar a profundidade do conteúdo com o tempo dedicado a ele. Isso significa que o professor deve planejar cuidadosamente o cronograma de ensino, reservando tempo suficiente para explorar os tópicos de forma abrangente, permitindo discussões aprofundadas, atividades práticas e revisão adequada do material. Ao mesmo tempo, é crucial evitar a pressa e a sobrecarga de informações, garantindo que os alunos tenham tempo suficiente para internalizar o que foi aprendido.

O próximo princípio refere-se à ideia da expectativa do professor, que influencia a motivação do aluno. Quando o professor reconhece o potencial em seus alunos, ele os encoraja, o que fortalece significativamente a relação entre professor e estudante.

Ao demonstrar confiança nas capacidades dos alunos e estabelecer expectativas elevadas, o professor pode inspirar os alunos a se superarem e alcançarem um maior potencial.

Por fim, o último princípio está bem relacionado com a observação do professor em considerar e detectar os diferentes estilos de aprendizagem, o que pode revelar a variedade de estilos de aprendizagem dos alunos. Ao reconhecer que os alunos têm maneiras diferentes de assimilar informações, o professor pode planejar diferentes estratégias de ensino para atender às diversas formas de aprendizagem. Como resultado, pode contribuir para um maior envolvimento dos estudantes e contribuir com a motivação dos mesmos.

A motivação é um conjunto de forças que dão impulso ao indivíduo fazendo com que ele aja de maneira específica ou fazendo com que ele alcance determinados objetivos. Esse fenômeno tem o importante papel de guiar a pessoa para cumprir suas metas.

No ambiente de aprendizagem, não é diferente, pois a motivação irá guiar o aluno para o engajamento e aprendizagem. Quando o estudante está motivado, ele terá um interesse maior em adquirir conhecimento, além de ter um aumento significativo no seu esforço e participação nas aulas, como em discussões e na busca por esclarecimento de dúvidas. Além disso, diversos fatores influenciam essa manifestação de interesse e esforço do aluno, desde desafios psicológicos, como baixa autoestima, saúde mental e preocupações familiares, até fatores externos, como o contexto social e econômico em que ele está inserido. Até a maneira como o aluno interpreta e responde ao fracasso também pode impactar na sua motivação.

Segundo Tapia (2005), é importante reconhecer que o interesse e o esforço não são fenômenos isolados, mas sim influenciados tanto pelas capacidades e modos de pensar do sujeito quanto pelo ambiente que o cerca, seja o ambiente familiar do aluno ou ambiente de aprendizagem. Ou seja, além das questões individuais, o ambiente que ele está também tem um papel significativo na motivação. Portanto, ao considerar o ambiente de aprendizagem, é essencial entender que elementos, de fato, dentro desse ambiente influenciam a motivação do aluno.

Outros elementos que fazem diferença na motivação do aluno, são a relevância dos conteúdos para a vida profissional do mesmo, a clareza dos objetivos de aprendizagem, a utilização de estratégias pedagógicas que estimulem a autonomia do estudante e autorregulação da aprendizagem e a própria metodologia de ensino.

Quando o ambiente de aprendizagem é motivador, acaba proporcionando um espaço inspirador, estimulando a criatividade, a interação entre os alunos e o engajamento. Quando o professor faz a contextualização dos conteúdos com a vida profissional do estudante, isso não só o motiva, mas também faz com que ele enxergue sentido naquilo que está estudando. Isso fortalece a relevância do aprendizado.

No tocante à clareza dos objetivos, é essencial que os alunos compreendam claramente o que se espera deles, em termos de aprendizado e desempenho. Quando os objetivos são bem definidos pelos professores e comunicados de maneira transparente, os estudantes têm uma direção clara a seguir e podem direcionar seus esforços de forma mais eficiente. Ademais, quando os objetivos e as habilidades a serem desenvolvidas estão claros, também se facilita a avaliação

do progresso do aluno, permitindo que tanto os professores quanto os estudantes acompanhem o desenvolvimento e identifiquem áreas que precisam de mais atenção. Esse direcionamento contribui para a construção da autonomia do estudante.

Quando o professor utiliza práticas pedagógicas para estimular os alunos, ele está capacitando-os a assumir um papel responsável em sua própria aprendizagem. Isso envolve encorajar os alunos a tomar decisões sobre o que aprender, como aprender e como demonstrar seu conhecimento. Ao promover a autonomia, o professor está contribuindo para que os alunos desenvolvam habilidades essenciais para toda a vida acadêmica e profissional, como a capacidade de resolver problemas de forma independente, tomar iniciativa e se autoavaliar. Além disso, está contribuindo desenvolver a autorregulação da aprendizagem.

A autorregulação da aprendizagem envolve habilidades fundamentais, como monitoramento do próprio progresso, estabelecimento de metas de aprendizagem e seleção de estratégias adequadas para atingir essas metas. Segundo Zimmerman e Moylan (2009, p. 301), a autorregulação envolve três fases interligadas: a fase de antecipação, a fase de desempenho e a fase de autorreflexão.

A fase de antecipação refere-se à preparação e motivação inicial para estudar, que também irá influenciar a vontade de se autorregular. Essa fase é muito importante, pois é nela que o aluno vai ampliar seu interesse na aprendizagem e irá selecionar a melhor maneira para estudar, bem como estratégias de aprendizagem.

A fase de desempenho se refere ao monitoramento do processo de aprendizagem, que acontece enquanto o aluno está estudando e realizando as atividades propostas.

Nessa fase, o aluno está envolvido na execução das estratégias de aprendizagem que selecionou durante a fase de antecipação. Ele monitora seu progresso, identifica possíveis dificuldades ou áreas que precisam ser aprimoradas e faz ajustes em suas estratégias, se necessário.

A fase de autorreflexão se refere ao momento em que o aluno irá avaliar seu desempenho, bem como se autoavaliar, após a conclusão das atividades de aprendizagem. Durante essa fase, o aluno reflete sobre seu progresso em relação aos objetivos estabelecidos, identifica pontos fortes que precisam de melhoria e avalia a eficácia das estratégias de aprendizagem utilizadas. É importante destacar que a autorregulação é influenciada, também, por boas estratégias de ensino.

Uma metodologia eficaz é aquela que é capaz de engajar os alunos, que consegue promover a compreensão profunda do conteúdo, despertar no aluno habilidades criativas e críticas, e também motivar o aluno a estudar. Com uma dinâmica de sala de aula que envolve atividades interativas, fomenta a participação ativa do aluno, estimula discussões em grupo e promove a realização de projetos práticos, os alunos se sentem entusiasmados em até mesmo frequentar as aulas, o que contribui para a redução da evasão na determinada disciplina e ou curso. Ademais, quando o docente tem uma metodologia de ensino que leva em consideração as necessidades dos estudantes, a aprendizagem torna-se ainda mais significativa.

De acordo com Tapia (2005, p. 12, tradução própria), algumas alternativas de ação na sala de aula que afetam a motivação dos alunos incluem:

Apresentar problemas ou questões no

início do curso, unidade didática, aula ou tarefa, em vez de passar diretamente para a explicação.

- Apresentar situações que chamam a atenção dos alunos no início de uma aula ou atividade.
- Indicar não apenas o que deve ser feito, mas também o objetivo a ser alcançado com a atividade proposta.
- Indicar para que pode ser útil aprender especificamente o que está sendo ensinado.
- Ilustrar a utilidade potencial do conteúdo a ser aprendido com exemplos concretos.
- Auxiliar os alunos na evocação de seus conhecimentos prévios sobre o tema em questão.

A fala de Tapia é muito enriquecedora, pois destaca estratégias concretas para promover a motivação dos alunos no ambiente de sala de aula. Ao apresentar problemas ou questões no início das atividades, o professor está incentivando a reflexão e a curiosidade dos alunos desde o começo, o que aumenta o interesse deles pelo assunto. Além disso, ao indicar não só o que deve ser feito, mas também os objetivos a serem alcançados e a utilidade do aprendizado, o docente está ajudando os alunos a entenderem o propósito por trás das tarefas, tornando o processo de aprendizagem relevante para eles.

Ademais, quando o professor conhece os conhecimentos anteriores dos discentes para fazer a contextualização com o conteúdo, isso faz o estudante se conectar com o assunto. Essas estratégias citadas por Tapia, aumentam a motivação dos alunos e contribuem para o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e autonomia, que são essenciais no foco da sala de aula, que é a aprendizagem.

Como foi visto, a aprendizagem em sala de aula não é um fator uniforme, pelo contrário, ela se manifesta de maneiras diferentes. Como foi citado anteriormente, o princípio 7 de Chickering e Gamson (1991), os alunos aprendem de maneiras diferentes. Nesse sentido, a metodologia de ensino tem um importante papel nas aprendizagens individuais.

Por exemplo, existem estudantes que podem ter dificuldade em participar de discussões ou debates. O professor por sua vez, com sua observação e reflexão do ambiente de aprendizagem, pode tentar adaptar sua metodologia de ensino que está utilizando para ajudar com essa dificuldade do aluno, ou ele pode variar metodologia para descobrir a que melhor favorece a aprendizagem dos estudantes.

Dessa forma é também essencial que o professor avalie a aprendizagem dos alunos, para que ele possa verificar o que não está contribuindo para a aprendizagem na metodologia de ensino utilizada, e que a partir disso, possa varia-la ou fazer alterações para auxiliar.

Segundo Freire (1996, p. 13), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O que reforça a ideia de que não existe transmissão de informações ou conteúdos, o que existe é uma construção de conhecimento e saberes. Esses saberes não se restringem aos alunos. O professor também constrói saberes na docência.

Segundo Silva (2017, p. 179), “a aprendizagem experiencial na iniciação à docência implica um desenvolvimento prospectivo decorrente da aprendizagem que se produz nas vivências logradas no contexto da profissão docente”. Nesse sentido, a formação de um professor vai além de um acúmulo de conhecimentos teóricos, ela

envolve uma imersão ativa e reflexiva no contexto da prática educativa. Ao interagir com os alunos, os colegas, e os desafios do ambiente universitário, o professor desenvolve habilidades, competências e um repertório de estratégias pedagógicas que são fundamentais para a docência.

Durante a pandemia, por exemplo, quando as metodologias de ensino que antes eram utilizadas no ensino presencial foram transferidas para o remoto, revelou várias deficiências metodológicas no processo de aprendizagem. Esse período ficou marcado pela exaustão docente e discente. Enquanto os professores ficavam várias horas em frente às telas do computador dando aula, corrigindo atividades, fazendo o planejamento, entre outras atividades, os alunos ficavam assistindo as aulas de diferentes disciplinas tentando se engajar.

Muitos deles, professor e estudante, tiveram dificuldades a respeito dos recursos tecnológicos. Segundo Saraiva, Traversini e Lockmann (2020),

[...] a falta de formação e de infraestrutura adequada de acesso para realizar atividades remotas com os estudantes em plataformas virtuais afeta um número significativo de professores que atuam na rede pública da Educação Básica, gerando estresse e ansiedade (Saraiva, Traversini e Lockmann, 2020, p. 15).

O que evidencia o quanto foi difícil manter uma dinâmica de aprendizagem nesse período. Nesse sentido, a metodologia de ensino necessitava de adaptações às novas demandas e desafios impostos pelo ensino remoto. Dessa forma, alguns professores repensaram suas práticas pedagógicas,

buscando maneiras de integrar a tecnologia em suas estratégias de ensino, com o intuito de auxiliar os alunos a enfrentar os obstáculos impostos por essa nova realidade. Outros docentes, porém, optaram por manter apenas o padrão utilizado no ensino presencial, sendo que, algumas delas não contribuíam para a aprendizagem, ou seja, esses docentes acabaram não exercendo a reflexão da sua metodologia. Ademais, muitos docentes não utilizaram estratégias que favorecessem a relação professor estudante e autorregulação da aprendizagem, como discussões, debates e etc.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária (NEPPU), adota uma abordagem qualitativa, caracterizada pela exploração das narrativas e experiências dos participantes. Por meio de métodos como o ateliê reflexivo, busca-se compreender os significados inerentes aos fenômenos estudados. O local da realização da pesquisa foi a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Foram entrevistados alunos de licenciatura e bacharelado desta universidade.

Iniciou-se a trajetória metodológica com a fase de leitura e análise da bibliografia específica, bem como os textos da fundamentação teórica. Os textos selecionados abordavam as temáticas de motivação, relação professor e estudante, metodologia de ensino e estratégias de aprendizagem, docência no ensino superior, ambiente de aprendizagem e também sobre o período remoto. Vale destacar que depois da leitura foi feita uma sistematização sobre o que foi estudado.

Para instrumento de coleta de narrativas foi empregado o ateliê reflexivo. A ideia do

ateliê reflexivo surgiu com as leituras e análises de Silva (2017) do ateliê biográfico de Delory-Momberger (2008). Segundo Silva (2017, p. 59), o ateliê reflexivo favorece o desenvolvimento de um espaço em que as experiências são trazidas à baila, para a discussão, análise e intervenção dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a utilização do ateliê reflexivo como instrumento de coleta de dados cria um espaço onde os entrevistados através das narrativas, lembram-se de suas experiências vivenciadas, as quais, por meio da reflexão, são compreendidas e geram saberes.

Vale destacar que os dados do ateliê foram coletados previamente, visto que este projeto de pesquisa está atrelado à pesquisa Relação professor e estudante na Universidade, desenvolvida pelo NEPPU. A coleta de narrativas ocorreu em 2021, de forma remota. Durante a coleta, tudo foi gravado em formato de áudio.

O ateliê reflexivo ocorreu em 3 momentos com um certo intervalo entre eles, com duas sessões a cada dia, uma com os estudantes do turno diurno e a outra com o turno noturno. A datas de realização da coleta e o tema de cada reunião seguem no quadro abaixo:

Data:	Tema:
07/10/2021	Metodologias de ensino e a relação entre professores e estudantes
28/10/2021	Motivações para ensinar e aprender
18/11/2021	Dificuldades e facilidades nos percursos de ensino e aprendizagem.

Depois da finalização dos ateliês reflexivos, as narrativas foram transcritas pelos integrantes do NEPPU. Com os dados já

coletados e transcritos, utilizou-se elementos da Análise de Conteúdo para analisar as narrativas e chegar aos resultados. Segundo Bardin (2011, p. 95), a análise de conteúdo se organiza em “três pólos cronológicos”: a pré - análise que é a caracterizada pela organização, com o foco em “sistematizar as ideias iniciais”, a exploração do material, e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, em que os resultados brutos serão tratados para ser significativos e válidos.

Na fase de pré análise, foi feita uma leitura minuciosa dos dados, se atentando às opiniões de cada estudante. Após a leitura, o próximo passo foi selecionar as narrativas dos estudantes se baseando nas categorias: metodologia, relação professor e estudante e motivação. Na fase da exploração de material, foram procuradas narrativas que se associem diretamente à relação professor e estudante e outros elementos que pudessem ser relevantes para a pesquisa.

Segundo Bardin (2011, p. 153), a categorização “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”. Ou seja, essa abordagem envolve a divisão do texto em partes menores que são organizadas em categorias, com base nos objetivos a serem alcançados. Dessa forma, na fase de tratamento e interpretação dos resultados, as narrativas dos estudantes foram analisadas seguindo esse método categorial, resultando no agrupamento em quatro categorias distintas:

1. Estratégias e práticas docentes no contexto da escrita acadêmica,
2. Principais metodologias de ensino utilizadas pelos professores,
3. Relação entre metodologia de ensino e motivação dos estudantes,

4. Práticas docentes exitosas, na percepção dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a análise dos dados coletados utilizou-se fundamentos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). O agrupamento dos dados em categorias visou atender aos objetivos da pesquisa.

Estratégias e práticas docentes no contexto da escrita acadêmica.

A escrita acadêmica, é um estilo de escrita utilizado no contexto educacional e de pesquisa, cujo propósito principal é comunicar informações de maneira clara e objetiva. Este estilo é caracterizado pela adesão de padrões específicos de formatação, citação e referência, além da utilização de uma linguagem formal e técnica apropriada ao campo de estudo em questão. No contexto universitário, é essencial que exista a prática da escrita acadêmica.

A escrita acadêmica é fundamental para o desenvolvimento de habilidades essenciais, tais como: (i) a comunicação, mais especificamente sobre a capacidade de expressar ideias de forma clara e coesa, que é importante para o sucesso acadêmico e para a vida profissional; (ii) pensamento crítico, pois o processo de escrita envolve analisar informações e formular argumentos; (iii) habilidades com pesquisa e análise, pois a escrita requer buscas por fontes confiáveis e a síntese de diversos pontos de vista.

Quando o estudante escreve de forma clara e organizada, ele facilita a sua própria compreensão do texto e a dos futuros leitores. Com o decorrer da prática o estudante se familiariza com diferentes estilos de escrita e estruturas de argumentação, e acaba se tornando um leitor analítico, capaz de

extrair informações de diferentes textos.

Os textos comumente elaborados por estudantes incluem relatórios, artigos e publicações acadêmicas e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Cada um desses formatos tem sua própria estrutura e finalidade específicas, o que contribui para o desenvolvimento das habilidades de escrita acadêmica. Os relatórios geralmente apresentam resultados de experimentos ou projetos, os artigos são trabalhos mais especializados, os TCCs representam uma síntese do conhecimento adquirido ao longo do curso, enquanto as publicações acadêmicas podem incluir uma variedade de formatos, desde publicações em revistas e congressos.

Porém, o domínio da escrita acadêmica varia para cada estudante, devido à sua experiência individual. Por exemplo, enquanto alguns alunos podem ter uma base sólida de produção textual durante o ensino médio e se saem bem na universidade, outros podem enfrentar dificuldades tanto na escrita quanto na leitura ao ingressar no ambiente universitário.

Segundo Simões e Juchum (2017, p. 96), “as práticas de leitura e escrita encontradas no ensino superior diferem das práticas anteriores à entrada na universidade”. Nesse cenário, o professor universitário desempenha um papel fundamental no suporte e orientação dos estudantes. Além disso, é de extrema importância que essa produção seja realizada sob mediação do professor, com instruções e feedbacks.

Simões e Juchum (2017, p. 97) ainda afirmam que para que o aluno desenvolvesse habilidades de leitura e escrita da esfera acadêmica, “é preciso considerar suas experiências de leitura e escrita antes de ingressar na universidade, com o objetivo de conhecer o que o aluno lê, como lê, o que escreve e como escreve ao ingressar na

universidade”.

Mas não significa que os estudantes que já estão há algum tempo na universidade não enfrentam dificuldades. Mesmo após anos de estudo, alguns ainda podem encontrar desafios na escrita acadêmica, devido à complexidade dos temas, às exigências específicas de cada disciplina ou, até mesmo, à falta de prática. Portanto, o apoio do professor continua sendo importante para ajudar os estudantes a aprimorar suas habilidades de escrita ao longo de sua trajetória acadêmica. Quando o docente incentiva a prática da escrita acadêmica e fornece um ambiente de aprendizado que valoriza a reflexão e a melhoria, os estudantes vão se sentir encorajados a persistir e a buscar aprimoramento em suas habilidades de escrita, o que pode também favorecer a relação professor e estudante.

Em relação às narrativas sobre estratégias e práticas docentes no contexto da escrita acadêmica, a percepção principal dos alunos é de que as leituras e produções estão muito mais focadas em quantidade do que propriamente na qualidade e aprendizagem dos alunos. O aluno F ressaltou:

Em uma disciplina experimental, o professor solicitou a realização de um experimento e a elaboração de um relatório. Ao final, o professor pegou os relatórios e, segurando-os na palma da mão, como se estivesse avaliando seu peso, observou que o relatório mais leve era o meu, juntamente com o de um grupo de 4 a 5 alunos. Ele então se dirigiu a um dos alunos que estava mais à frente e perguntou: “Você acha que este relatório vale

quanto? Este relatório leve, que não deve ter nem 7 ou 8 folhas, você acha que vale quanto?” O meu colega respondeu: “Professor, pelo esforço do grupo, eu acho que vale uns 7 a 8 pontos.” O professor então olhou para nós e disse que precisávamos refazer o relatório, pois não valia nem zero (Aluno F, ateliê reflexivo, 2021).

A fala do estudante F é preocupante, pois revela uma falta de empatia por parte do professor. Este não só negligenciou a leitura da produção dos alunos, mas também agiu de forma precipitada ao solicitar que refizessem o relatório sem sequer considerar o esforço e o trabalho investidos pelos alunos. Isso vai contra a fala de Freire (1966, p 33), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, reconhecendo que o processo de ensino-aprendizagem requer um diálogo e uma relação de reciprocidade entre educador e educando. Quando o docente age de maneira unilateral e desconsidera o esforço dos alunos, ele perde a oportunidade de promover uma boa relação com o estudante, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa.

Ademais, ele não apresentou um feedback construtivo, até porque não houve avaliação. Isso vai contra o princípio 4 dos Sete Princípios para Boa Prática na Educação de Chickering e Gamson (1991), que enfatiza a importância do feedback imediato e apropriado sobre seu desempenho para promover uma manutenção do aprendizado.

Além disso, ao não avaliar a produção e não fornecer o feedback necessário, o professor desperdiçou uma oportunidade valiosa de orientar os alunos sobre como po-

dem melhorar seu trabalho. O feedback é essencial para que os alunos entendam seus pontos fortes e áreas de desenvolvimento, o que permite que estes possam ajustar sua abordagem de aprendizado e aprimorar suas habilidades.

Pensando nisso, como o aluno vai de fato aprender se o professor não está focado em proporcionar-lhes aprendizado? Isso traz a visão de que o professor citado está muito mais concentrado na demanda e quantidade do que propriamente na orientação e no aprendizado.

O aluno A ressaltou:

E a gente acaba sendo qualificado muito por notas, sabe como se [...] óbvio que a gente sabe, a gente precisa dessa nota, a gente precisa de uma certificação (digamos assim) da nossa aprendizagem, mas os alunos não devem ser reduzidos às notas. Então, o processo de construção deveria ser muito mais levado em conta do que apenas “Produza isso, produza!” com poucas orientações e traga aquilo que eles pedem (Aluno A, ateliê reflexivo, 2021).

A fala do estudante A também ressalta a concepção de que o professor está mais preocupado com a quantidade do que com a qualidade das produções textuais. Além disso, ele menciona que as produções possuem poucas orientações. Quando as tarefas não possuem orientação e objetivos claros, os estudantes podem sentir-se perdidos e desmotivados, comprometendo o processo de aprendizagem. Isso está muito relacionado com a fala de Tapia (2005),

que considera como ação na sala de aula que afeta a motivação a indicação não apenas do que deve ser feito, mas também do objetivo a ser alcançado com a atividade proposta.

Nesse sentido, a indicação explícita do que deve ser feito e também do propósito por trás da atividade, pode ajudar os alunos a entenderem o significado do trabalho proposto. Outrossim, se o docente quiser um determinado número de páginas em uma produção, ele deve sinalizar para o aluno, para que não tenha problemas com o tamanho do texto.

Outro ponto importante citado pelo estudante é “[...] os alunos não devem ser reduzidos às notas.” Esse ponto levantado pelo estudante é importante, pois destaca a necessidade de não reduzir a avaliação dos alunos apenas às notas. Muitas vezes, os docentes podem se concentrar demais nos resultados numéricos, negligenciando outros aspectos importantes do processo educacional, como o desenvolvimento das habilidades, a compreensão dos conceitos e a capacidade de aplicar o conhecimento na prática.

Sobre a avaliação da aprendizagem, Tapia (2005) questiona se esta é realizada para detectar as falhas dos alunos ou as falhas da metodologia e do processo de aprendizagem. Essa questão é fundamental para refletir sobre o verdadeiro propósito da avaliação da aprendizagem. Muitas vezes, a avaliação pode ser vista apenas como uma ferramenta para identificar as lacunas dos alunos, resultando em uma abordagem punitiva que foca apenas nos erros individuais. Porém, essa concepção ignora a possibilidade de que as falhas na aprendizagem possam estar enraizadas em problemas de inadequação da metodologia de ensino ou a falta de suporte adequado aos estudan-

tes. Ainda assim, é necessário considerar o papel do discente, que será se engajar e manter a rotina estudantil, pois ele é corresponsável pela sua aprendizagem.

Ainda sobre produções textuais, o aluno G comentou:

E nesse contexto de pandemia os professores têm passado muitas demandas, são muitos textos para ler, muitos textos para produzir, a gente não consegue nem refletir sobre a leitura que já tem uma produção em cima desse texto, e quando acaba esse texto, outro texto (Aluno G, ateliê reflexivo, 2021).

Na fala do estudante G a concepção de quantidade continua, e possui um destaque para reflexão da leitura e escrita que é essencial na escrita acadêmica. A reflexão sobre a leitura e a escrita permite aos alunos internalizarem e compreenderem de forma profunda os conceitos apresentados nos textos. No entanto, quando os alunos são inundados com uma quantidade excessiva de tarefas, como mencionado pelo aluno G, fica difícil dedicar o tempo necessário para essa reflexão. Como foi possível observar, os relatos dos alunos destacam como as atividades foram centradas em resultados quantitativos, em vez de promover uma abordagem reflexiva e orientada para a aprendizagem. Além disso, o aluno G ressalta como o contexto da pandemia intensificou essas demandas, tornando ainda mais desafiador o processo de leitura e produção de textos acadêmicos.

Esses relatos revelam a necessidade de uma abordagem pedagogicamente orientada na condução das práticas de escrita acadêmica. Os professores precisam con-

siderar a quantidade de trabalho atribuída aos alunos, o impacto na aprendizagem e o tempo de realização daquela atividade. Isso envolve oferecer orientações e apoio aos alunos, incentivando a reflexão crítica e a construção de conhecimento. Quando o professor centra-se na perspectiva quantitativa, além de não priorizar a aprendizagem, ele faz com que o aluno tenha que passar muito mais tempo fazendo a tarefa.

Sobre o tempo dedicado à tarefa, o princípio 5 dos Sete princípios para boa prática na Educação de Chickering e Gamson (1991, p. 5), diz que “Tempo mais energia é igual a aprendizado. Não há substituto para o tempo dedicado à tarefa. Aprender a usar bem o próprio tempo é fundamental para estudantes e profissionais”. Então fica claro a importância do tempo investido em uma atividade para o processo de aprendizagem. Além disso, é importante reconhecer que a escrita acadêmica não é apenas uma tarefa de cumprir horários ou passar horas na frente de um texto, mas sim um processo desafiador que requer um verdadeiro pensamento intelectual. Ela demanda tempo e também uma dedicação constante. O processo de entender e sintetizar informações, organizar pensamentos de forma clara, e expressar ideias através da escrita acadêmica, são habilidades que exigem prática e aprofundamento.

As palavras de Pimenta, Anastasiou e Cavallet (2011, p. 269) salienta que “conhecimento não se reduz à informação [...] Conhecer implica um segundo estágio, o de trabalhar com as informações, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as. A escrita acadêmica traz a ideia de que esta transcende a uma mera exposição de informações, enfatizando a necessidade de compreendê-las, interpretá-las e integrá-las ao contexto do tema abordado. Em

outras palavras, para alcançar resultados satisfatórios na escrita, é essencial ir além da superfície das informações, se inserindo em um contexto amplo e relacionando ao propósito do texto de maneira consistente.

Entretanto, quando o número de produções é extenso, surge uma questão delicada: as tarefas atribuídas aos estudantes devem estar alinhadas com suas capacidades para executá-las. Ao solicitar um grande volume de produções textuais ou qualquer atividade, é imprescindível que os professores fiquem atentos às capacidades dos estudantes de enfrentar essas demandas. Sobrecarregar os alunos com tarefas com alto nível de dificuldade pode causar desmotivação, afetando negativamente o processo de aprendizagem.

É fundamental, portanto, encontrar um equilíbrio entre desafiar os alunos e proporcionar-lhes o suporte necessário para enfrentar esses desafios de maneira construtiva. Isso requer que o docente considere suas ações em sala de aula. Para Belotti e Faria (2010, p. 7) para o educador propor desafios aos alunos,

Deve-se conhecer o aluno a fim de poder oferecer atividades que estejam de acordo com o seu desenvolvimento, ou seja, não se pode trabalhar com graus muito elevados ou muito baixos de complexidade, pois isso pode não contribuir para a reflexão e o debate. Os educandos devem poder realizar as atividades em uma situação desafiadora (Belotti e Faria, 2010, p. 7).

Nesse sentido, quando o professor adota uma abordagem dialógica e flexível em suas

práticas pedagógicas, ele cria um ambiente propício para que os alunos se sintam à vontade para sugerir estratégias, compartilhar suas preocupações e buscar sugestões para enfrentar os desafios acadêmicos propostos. A abertura e colaboração estabelecida pelo professor cria uma relação de confiança mútua, onde os alunos se sentem encorajados a expressar suas dúvidas e dificuldades sem receio de julgamento. Essa dinâmica promove desenvolvimento das habilidades de discussão e questionamento e fortalece a relação entre professor e aluno.

A influência das práticas docentes no contexto da escrita acadêmica, na relação professor e estudante, é crucial para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes. Em vez de focar exclusivamente em resultados quantitativos, as atividades devem visar a aprendizagem, proporcionando mediação e feedback por parte do professor para que os alunos possam melhorar continuamente.

As estratégias de ensino podem incluir a orientação ativa do professor sobre a maneira correta de escrever academicamente, fornecendo instruções, demonstrando os objetivos a serem alcançados, exemplos práticos e direcionamentos para cada etapa do processo de escrita. Além disso, é fundamental que o professor utilize feedbacks construtivos, identificando pontos que podem ser melhorados nos trabalhos dos alunos para ajudá-los a aprimorar suas habilidades de escrita. Ademais, um estudante ressalta que, durante a realização de provas, os professores solicitaram explicitamente o passo a passo de como eles chegaram a determinadas conclusões. Essa prática incentivava uma reflexão para resolver problemas e também reflete uma preocupação com o processo de aprendizado e a compreensão dos alunos.

Eu tinha me lembrado de uma situação que ocorreu essa semana na turma. A gente fez uma prova só que a professora pede que a gente faça a descrição, que a gente coloque passo a passo de como a gente resolveu, enfim, coisa que eu concordo sim, já que a gente tá fazendo uma prova a gente precisa sim saber como fez, como fazer [...] (Aluno B, ateliê reflexivo, 2021).

A fala do estudante B é interessante, pois ele mesmo valoriza essa prática. Afinal, por meio dela, o aluno pode compreender melhor o processo de resolução de problemas e desenvolver habilidades metacognitivas. Essa estratégia de descrever passo a passo como chegaram aos resultados durante a prova, permite aos alunos não só demonstrar seu conhecimento sobre o conteúdo, mas também refletir sobre suas próprias estratégias de pensamento e aprendizagem.

Ao solicitar o passo a passo, os professores não só avaliam o resultado final, mas também têm a oportunidade de identificar lacunas de entendimento e oferecer feedback específico para ajudar os alunos a melhorar. Uma abordagem pedagógica centrada no processo e não somente no resultado final reforça a importância do pensamento crítico e da clareza na resolução dos exercícios.

Principais metodologias de ensino utilizadas pelos professores.

A metodologia de ensino tem relevante importância no processo educacional. O uso de estratégias e instrumentos de avaliação pode contribuir de forma positiva ou

negativa no processo de aprendizagem do estudante. Por meio das narrativas dos estudantes, foi possível identificar algumas metodologias de ensino adotadas pelos professores, que nem sempre favorecem a aprendizagem. O aluno C ressaltou:

[...] eles vêm com aquela metodologia tradicional de copiar no quadro, a gente tem que escrever tudo, a gente tem que fazer testes, depois fazer prova, depois se não passar vai fazer prova final, prova de recuperação (Aluno C, ateliê reflexivo, 2021).

Pela fala do estudante C, fica claro que a metodologia adotada não é eficaz para ele. A mesma pode estar centrada em uma abordagem hierárquica, onde os alunos acabam sendo apenas receptores de informações e são avaliados através de testes e provas. Não desfavorecendo essa metodologia, pois existem, sim, alunos que aprendem dessa maneira. No entanto, essa abordagem ainda pode não atender as necessidades de aprendizagem dos estudantes, como evidenciado pela sua frustração do aluno C. Nesse sentido, a aprendizagem ativa emerge como um importante fator para aprendizagem dos alunos.

Sobre a aprendizagem ativa, o princípio 3 dos Sete princípios para boa prática na Educação de Chickering e Gamson (1991, p 4), diz que:

Os estudantes não aprendem muito apenas sentados em aulas ouvindo os professores, memorizando tarefas pré-embaladas e dando respostas

prontas. Eles precisam discutir o que estão aprendendo, escrever sobre isso, relacioná-lo a experiências passadas e aplicá-lo em suas vidas diárias (Chickering e Gamson, 1991, p. 4, tradução própria).

Ao refletir sobre a citação, fica claro que os estudantes não são replicadores de informações, mas indivíduos que aprendem de maneiras diversas e que necessitam ser ativamente engajados no processo de aprendizagem. Nesse sentido, para que o aluno tenha uma aprendizagem ativa é necessário que o docente utilize uma metodologia que favoreça uma maior interação do aluno no ambiente de aprendizagem, na qual os alunos são incentivados a discutir, escrever, relacionar o conteúdo e a tirar dúvidas com o docente.

Quando a metodologia de ensino não favorece a participação ativa dos estudantes isso pode ter impacto negativo na relação professor e estudante. A metodologia descrita pelo estudante C tende a estabelecer uma relação distante entre professor e aluno, onde o professor é frequentemente percebido como detentor do saber, e os alunos como receptores passivos desse saber.

Essa dinâmica pode resultar em uma falta de engajamento por parte dos alunos, já que eles podem se sentir desmotivados em um ambiente que não conta com sua participação. Além disso, essa abordagem pode criar barreiras na comunicação entre o professor e os alunos, limitando o diálogo e a troca de ideias.

A fala do aluno E está ligada a fala do aluno C:

[...] tem professor que realmente não dá abertura

nenhuma, ele só chega lá na aula, transmite o conteúdo, faz a transmissão e só, ele não dá abertura para saber se o aluno tá recebendo esse conteúdo de que forma ele tá recebendo, se realmente ele tem as condições necessárias para receber esse conteúdo [...] (Aluno E, ateliê reflexivo, 2021).

Ou seja, além do diálogo não ser favorecido, a relação professor e aluno torna-se distante. O aluno E percebe o professor como alguém que simplesmente entrega informações, sem preocupação com o entendimento dos estudantes. Essa falta de interação e empatia pode gerar uma desconexão entre professor e aluno, dificultando o engajamento dos discentes no processo de aprendizagem. De acordo com Brait, Rodrigues, de Macedo, da Silva, Silva e Souza (2010, p. 6),

[...] a relação professor/aluno em meio ao ensino/aprendizagem, depende fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles (Brait, Rodrigues, de Macedo, da Silva, Silva e Souza, 2010, p. 6).

Nesse sentido, a citação reforça a importância de uma relação professor-aluno que vá além da transmissão de conhecimento.

Ela destaca que essa relação é fundamentalmente construída a partir do ambiente criado pelo professor, da empatia demonstrada em relação aos alunos e da capacidade de estabelecer um diálogo aberto e reflexivo. Esses pontos são de extrema importância para que exista uma boa relação professor e estudante e para que a aprendizagem seja favorecida.

Além disso, a citação enfatiza que os professores devem estar atentos não só ao conteúdo que estão ensinando, mas também às necessidades individuais dos alunos. Isso envolve a adaptação da metodologia de ensino e o fornecimento de feedbacks construtivos para os alunos. O aluno D traz uma contribuição interessante sobre o feedback construtivo:

Eu tive uma situação que a professora fez isso com maestria de apresentar um trabalho e ela dar todos os feedbacks e depois pedir pra gente corrigir e mandar de novo e eu acho que isso é um modelo coerente e legal, do aluno perceber seu erro e entender, e ter a chance de aprender mesmo na prática (Aluno D, ateliê reflexivo, 2021).

A dinâmica do professor ao oferecer feedback construtivo proporciona aos alunos a oportunidade de identificar seus erros, compreender onde podem melhorar e desenvolver habilidades de autorreflexão e autorregulação. Além disso, esse tipo de feedback ajuda os alunos a entenderem que os erros fazem parte do processo de aprendizagem e que são uma oportunidade para progredir.

Essa atitude demonstra uma preocu-

pação do professor com o processo de aprendizagem dos alunos, incentivando a autorreflexão e o desenvolvimento de habilidades críticas nos alunos. Além disso, ao permitir que os alunos corrijam e reenviem seus trabalhos, o professor demonstra confiança no potencial dos estudantes. O que está muito relacionado com o princípio 6 dos Sete princípios para boa prática na Educação de Chickering e Gamson (1991, p. 5) que diz, “Esperar que os estudantes tenham bom desempenho torna-se uma profecia autorrealizável quando professores e instituições têm expectativas elevadas de si mesmos e fazem esforços extras.”

Então, quando os professores adotam essa abordagem de oferecer feedback construtivo e permitir correções, estão demonstrando altas expectativas em relação aos alunos e ao seu potencial de aprendizagem. Essa atitude promove um ambiente de confiança e apoio, favorecendo significativamente a relação professor e estudante. Ademais, também incentiva os alunos a se esforçarem mais e a se comprometerem com seu próprio sucesso acadêmico.

O aluno A ressaltou uma disciplina que utiliza seminários: “[...] neste segundo semestre remotos parece que os seminários viraram uma ferramenta que os professores estão utilizando para se esquivar de dar aula.” (Aluno A, ateliê reflexivo, 2021). A fala do aluno não foi apenas uma crítica aos seminários, mas, também, uma expressão de preocupação sobre a qualidade do ensino. Isso revela a necessidade de variação de estratégias de ensino, para que diferentes metodologias possam ser testadas e ajustadas conforme o engajamento dos alunos. Porém, vale destacar que não se pode de maneira alguma afirmar que determinada metodologia não servirá para favorecer a aprendizagem.

Quando os alunos desenvolvem um estudo e prepara a apresentação, eles irão desenvolver novas habilidades. Além disso, a aprendizagem colaborativa é incentivada, já que os alunos muitas vezes trabalham em grupos para preparar suas apresentações, trocando conhecimentos e experiências entre si.

O princípio 2 dos Sete Princípios para Boa Prática na Educação de Chickering e Gamson (1991, p. 3) destaca que a aprendizagem é aprimorada quando se assemelha mais a um esforço em equipe do que a uma corrida individual. Isso enfatiza a importância do trabalho em equipe como um componente fundamental para a aprendizagem. Quando os alunos têm a oportunidade de trabalhar juntos, compartilhar ideias e resolver problemas em equipe, fortalecem seu entendimento do conteúdo e desenvolvem habilidades sociais, como comunicação, colaboração e resolução de conflitos.

Uma metodologia interessante foi destacada pelo aluno C:

Teve uma disciplina que é prática e a gente tem que apresentar alguns experimentos para introduzir determinados conceitos de química, conteúdos que são trabalhados na educação básica, então, a disciplina foca nessa ideia (Aluno C, ateliê reflexivo, 2021).

A metodologia destacada pelo aluno C parece ser prática e estimulante. Ao introduzir experimentos que exemplificam os conceitos estudados na educação básica, os alunos têm a oportunidade de aplicar esses conceitos e também de recordar o conhecimento adquirido anteriormente no en-

sino médio. Isso pode servir para reforçar a bagagem que cada aluno traz consigo, permitindo uma conexão eficiente entre os conteúdos aprendidos no passado e os novos conceitos apresentados na disciplina. O que está muito relacionado com o conceito de contextualização e intertextualidade.

Sobre a intertextualidade, Brito, Carvalho e Da Silva (2013, p. 4), afirmam que “mantendo a intertextualidade entre os conteúdos da disciplina, o professor consegue manter a relação do conteúdo seguinte com o conteúdo anterior”. O que auxilia o aluno a se manter conectado com assunto, compreender melhor a sequência lógica da matéria e perceber como os diferentes conteúdos se relacionam e se complementam ao longo do curso. Essa dinâmica facilita a aprendizagem, pois permite que os alunos construam um entendimento integrado do conteúdo, em vez de encarar cada tópico de forma isolada.

Relação entre metodologia de ensino e motivação dos estudantes

A partir das narrativas dos estudantes, foi possível observar situações em que a metodologia de ensino claramente influenciou a motivação deles. Neste sentido, o aluno A ressaltou:

[...] se a gente sente que a metodologia do professor é convidativa, que ela nos ajuda a estar motivados para estudar, isso faz com que a gente se dedique mais, que a gente queira mais ler os textos, que a gente queira mais participar das aulas, que a gente tenha mais empolgação (Aluno A, ateliê reflexivo, 2021).

O aluno deixa claro que, quando a metodologia é convidativa, ou seja, chama a atenção do estudante e promove o engajamento, faz com que os estudantes se dediquem mais a estudar. Para que a metodologia de ensino proporcione motivação, é necessário que os professores utilizem práticas pedagógicas e metodologias que favoreçam a aprendizagem ativa, a autorregulação da aprendizagem e a relação professor e estudante. Sobre motivação, Tapia (2005) ressalta que, embora o aluno tenha sua parcela de responsabilidade, ela é afetada pelo ambiente criado pelas ações dos professores. E que se esse ambiente for modificado na direção certa, aumentará a probabilidade de que o interesse, esforço e aprendizado dos alunos melhorem.

Dessa forma, é evidente o papel dos professores nesse processo. Eles têm a capacidade de criar um ambiente de aprendizagem que desperte a curiosidade e o desejo de aprender dos alunos. Ao adotar práticas pedagógicas que incentivem a participação ativa, como discussões em grupo e projetos colaborativos, os professores têm a oportunidade de aumentar significativamente a motivação dos estudantes.

Além disso, ao promover a autorregulação da aprendizagem, ou seja, ao auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades de planejamento, monitoramento e avaliação do próprio aprendizado, os professores contribuem para que os estudantes se tornem mais independentes e corresponsáveis do seu processo de aprendizagem. Ademais, quando a relação entre professor e estudante proporciona um ambiente empático, onde os alunos se sentem à vontade para expressar suas ideias e dúvidas, ocorre uma troca mais rica de conhecimentos e experiências, o que favorece a motivação dos estudantes.

Com essa discussão, é interessante ressaltar que o aluno também tem responsabilidade no processo educacional. É essencial que os estudantes assumam um papel ativo em sua própria aprendizagem, demonstrando iniciativa e comprometimento. A motivação e o engajamento não dependem apenas dos professores, mas também do esforço e da participação dos alunos.

O aluno A ainda apresenta uma ressalva:

Mas, ao mesmo tempo, quando é aquele professor que a gente percebe que não tem diálogo, que a relação é muito hierarquizada, sabe, muitas vezes até problemática, isso interfere, sim, porque faz com que a gente se desmotive bastante [...] (Aluno A, ateliê reflexivo, 2021).

Ou seja, o aluno destaca que a falta de diálogo e uma relação hierarquizada com o professor, podem ter um impacto negativo na motivação dos estudantes. Isso sugere que a relação entre professor e estudante não é favorecida, o que pode afetar diretamente o engajamento e o diálogo.

Quando a comunicação é limitada e a autoridade do professor é exercida de maneira rígida e inflexível, os estudantes podem se sentir desencorajados a colaborar nas atividades propostas. Essa postura negativa pode criar um ambiente em que os alunos se sentem menos valorizados, levando à desmotivação e ao desinteresse pelas atividades acadêmicas. É notável que um dos maiores problemas para uma boa relação entre professor e estudante é, na maioria das vezes, é a ausência de diálogo ou uma comunicação agressiva.

O aluno B compartilha uma situação que exemplifica claramente os efeitos nega-

tivos da falta de empatia e de uma comunicação inadequada:

[...] eu também já vivenciei essa questão de eu estar em sala de aula e um colega meu está apresentando, e por uma interrupção do professor de forma agressiva verbalmente a pessoa se desmornava ali na frente. Isso é tão desmotivador que gerava um medo na hora da gente apresentar, tínhamos medo, eu ficava nervosa, passei por crises de ansiedade no dia (Aluno B, ateliê reflexivo, 2021)

Ressalta-se que, muitas vezes é importante que o professor faça correções, observações, quando necessário. Mas, interrupções desconstrutivas durante uma apresentação podem não só desestabilizar o aluno que está apresentando, mas também quebra a dinâmica do seminário, e como foi citado pelo estudante, isso acabou gerando um ambiente de medo e insegurança entre os demais estudantes.

Esse cenário sugere que, além da metodologia de ensino estar relacionada com a motivação, a postura do professor frente à metodologia de ensino também influencia a motivação.

Segundo Moysés (1994, p. 13), “[...] é o professor que, sentindo-se politicamente comprometido com seu aluno, conhece e utiliza adequadamente os recursos capazes de lhes propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido”. Dessa forma, a atitude do professor deve promover um ambiente positivo onde os alunos se sintam confiantes para participar e aprender.

A fala do aluno C também destaca os

efeitos negativos de uma comunicação inadequada por parte dos professores, “[...] relatos de alunos que saíam chorando, trançou o curso porque não quis mais fazer por causa da forma como a professora falava com ela [...]” (Aluno C, ateliê reflexivo, 2021).

Ademais, é essencial valorizar a construção de conhecimento e não somente a transmissão de informações, o que requer observação e avaliação por parte do professor para a seleção de metodologias de ensino. É importante variar estratégias e uso de recursos, e dar tempo para que os alunos se acostumem com essa nova abordagem.

Sobre a motivação e a diversificação das estratégias utilizadas pelo professor, o aluno D relata:

[...] quando o professor consegue motivar o aluno, nós nos sentimos muito mais integrados na disciplina. Aquela matéria passa a ser prazerosa, não fica aquela coisa maçante de assistir à aula. Às vezes, a aula é a tarde toda com o mesmo professor, mas por ele desempenhar esse papel motivador e diversificar nas práticas, nos sentimos assim motivados e a tarde passa a ser agradável. Quando você percebe, a aula já acabou e você já está querendo mais (Aluno D, ateliê reflexivo, 2021).

A colocação do estudante traz a ideia de que os professores podem contribuir para transformar a percepção dos alunos em relação à disciplina, por meio da inovação e da variedade nas estratégias de ensino. Quando o docente explora diferentes prá-

ticas pedagógicas, há uma maior interação e motivação dos estudantes. Isso significa que podem existir alunos que se motivem com diferentes abordagens de ensino. Por exemplo, alguns podem preferir seminários, enquanto outros preferem provas, debates, entre outras atividades. Essa ideia reflete os diversos estilos de aprendizagem dos alunos. Isso permite a adaptação às necessidades individuais dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e motivador.

A motivação pode ser fator determinante para uma maior participação dos estudantes. Um exemplo interessante de motivação é compartilhado pelo aluno B, que oferece uma perspectiva valiosa sobre como seu antigo professor o motivou:

[...] eu já me deparei em situações em que eu tava com aquela preguiça de ir para a UEFS mas eu falei: Não. hoje a aula é de determinado professor, eu tenho que ir”, e aí por conta das discussões que a gente tinha em aula e por conta desse professor ele ser mais afetivo [...] (Aluno B, ateliê reflexivo, 2021).

O aluno menciona que, mesmo quando se sentia desmotivado para a aula, a perspectiva de ter uma aula com um professor específico o incentivava a comparecer. Este professor, descrito como mais afetivo e envolvente nas discussões, se destaca por criar um ambiente de aprendizado que não só transmite conhecimento, mas também engaja os alunos, contribuindo para uma melhor comunicação, empatia e engajamento. Segundo Belotti e Faria (2010, p. 4), “todo educador apresenta-se como uma referência para a formação dos educandos

e, é muito importante a maneira como se relaciona com eles.”

Professores que são empáticos e que promovem discussões relevantes em sala de aula, conseguem criar uma maior aproximação com os alunos, fazendo com que eles se sintam mais conectados e comprometidos com o processo de aprendizagem. Essa conexão gera uma boa relação professor e estudante o qual pode ser um fator decisivo na motivação dos alunos para frequentarem as aulas e se engajarem nas atividades acadêmicas.

Práticas docentes exitosas, na percepção dos estudantes

Quando o professor utiliza adequadamente práticas pedagógicas e metodologias de ensino que promovem a aprendizagem, o diálogo e a empatia, ele cria um ambiente propício para uma boa relação com os alunos estudante. Essa abordagem docente gera uma percepção positiva por parte dos alunos.

Segundo Freire (1996, p. 43), aprimorar futuras práticas requer uma reflexão crítica sobre as experiências do presente ou do passado. Portanto, mesmo que existam docentes que não favoreçam algumas das práticas descritas acima, ainda é possível melhorar através da reflexão sobre os próprios saberes, o que permite identificar lacunas nas estratégias de ensino e proporcionar uma melhor experiência de aprendizado para os estudantes. Desse modo, os alunos terão uma melhor percepção das práticas do professor.

A partir das narrativas foi possível identificar práticas exitosas docentes na percepção dos estudantes.

Sobre práticas do professor, o aluno A relata:

[...] a gente está em um mundo onde as pessoas não se importam muito com as outras. Então, quando encontramos um profissional que se importa e escuta, não estou falando de passar a mão na cabeça. São professores que cobram, que são exigentes, que buscam pontualidade, inclusive nas entregas de trabalhos, que trazem uma avaliação até mesmo rígida. São esses professores que nos motivam, que conseguem equilibrar todo esse processo e trazem a motivação [...] (Aluno A, ateliê reflexivo, 2021).

O aluno A destaca uma postura docente bastante didática, caracterizada por um diálogo essencial no ambiente de aprendizagem, o qual está intrinsecamente ligado à uma boa relação entre professor e estudante. Além disso, o aluno valoriza a exigência do professor em relação à pontualidade, cumprimento de prazos e avaliações rigorosas, atribuindo a esse mesmo professor a capacidade de motivá-lo.

Quando os estudantes encontram um professor que de fato se preocupa com seu aprendizado, os escuta e valoriza suas opiniões, eles se sentem muito mais valorizados e compreendidos. O que está bastante relacionado com a fala de Belotti e Faria (2010, p. 11), que afirmam ser necessário construir uma relação com os alunos na qual todos os posicionamentos sejam ouvidos com atenção. O que essencialmente irá dar voz a ambos os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

A pontualidade na entrega de trabalhos, reflete um bom planejamento. Ao

longo do semestre as aulas têm um fluxo a ser seguido e, caso o prazo de atividades e trabalhos não sejam organizados, isso pode comprometer o percurso das atividades. É igualmente importante considerar o tempo dedicado à tarefa, pois mesmo que o professor tenha um calendário semestral a seguir, é necessário que o prazo leve em consideração o tempo de realização da tarefa. O que está muito relacionado com o princípio 5 de Chickering e Gamson, antes citado.

Sobre a avaliação rígida citada pelo estudante, é importante que a avaliação siga os critérios previamente estabelecidos na proposta de trabalho e que reflitam a transparência e a equidade no processo avaliativo. Isso garante que os alunos compreendam as expectativas e possam direcionar seus esforços de acordo com os critérios definidos. Além disso, ao fornecer o feedback, o professor deverá ter uma postura construtiva sempre buscando acolher o aluno.

Sobre acolhimento, o aluno D traz uma contribuição interessante:

Foi a partir de um professor que eu consegui entender o que era a universidade, é como se ele fosse um divisor de águas, então, pra mim o que é que faz um professor motivar é ele dar um acolhimento ao aluno e ele instruir [...] (Aluno D, ateliê reflexivo, 2021).

Ou seja, o estudante atribui ao docente o papel de motivador através da instrução e do acolhimento proporcionados por ele. Ao criar um ambiente acolhedor e incentivador, o professor não só favorece a aprendizagem, mas, também, motiva os alunos a se dedicarem aos estudos. Quando os

alunos se sentem acolhidos pelo professor, eles tendem a se envolver de forma ativa no processo de aprendizagem e a buscar alcançar seus objetivos acadêmicos com maior entusiasmo.

A respeito da instrução, é muito importante que o aluno tenha orientações claras por parte do professor. A orientação do professor é fundamental para garantir que os alunos compreendam os conteúdos e os objetivos de aprendizagem. Quando os alunos recebem instruções precisas, eles têm maior clareza sobre o que é esperado deles. Além disso, a orientação do professor ajuda os alunos a desenvolverem habilidades de estudo eficazes e a se sentirem mais confiantes em sua capacidade de enfrentar desafios acadêmicos. Segundo Freire,

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1996, p. 44).

Ou seja, o autor valoriza uma aula que proponha desafios para os alunos, pois eles são necessários para criar cenários de dificuldade que promovem a aprendizagem. Quando os alunos enfrentam desafios, eles são estimulados a pensar criticamente, a resolver problemas e a se envolver com o material. Este processo facilita uma compreensão mais profunda dos conteúdos e também ajuda os alunos a desenvolver ha-

bilidades essenciais para a vida acadêmica e, conseqüentemente, a vida profissional. À medida que o professor desafia os alunos, ele também deve fornecer o suporte necessário para a superação. Os desafios devem ser proporcionais às suas capacidades, o que irá tornar a atividade possível de ser realizada.

Além disso, a interação constante entre professores e alunos contribui para superar possíveis dificuldades de compreensão, que surgiram nos alunos durante a explicação do professor, garantindo um progresso significativo no processo de aprendizagem. Durante a explicação, Tapia (2005, p. 13) questiona como reagir quando as contribuições dos alunos refletem ignorância, o que traz à tona uma abordagem empática.

A citação é muito importante, pois ao lidar com contribuições que não correspondem ao que é esperado, é interessante que o professor adote uma postura empática. Em vez de julgar ou desencorajar, ele deve entender que todos os alunos estão em diferentes estágios de aprendizado e têm diferentes experiências e bagagens de conhecimento. O que está muito relacionado com o princípio 7 dos Sete Princípios para Boa Prática na Educação de Chickering e Gamson (1991), retratando o respeito aos diversos estilos de aprendizado.

Ao responder às contribuições com empatia, o professor mostra aos alunos que suas dificuldades são compreendidas e que eles são apoiados. Porém, é importante que o aluno também faça sua parte na busca pelo conhecimento, assumindo uma postura ativa e responsável em seu processo de aprendizado. A combinação da empatia do professor e do esforço do aluno cria um ambiente propício à aprendizagem.

Considerações Finais

A partir das análises desta pesquisa, conclui-se que as metodologias de ensino impactam os estudantes de maneiras variadas, devido aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem de cada um. Enquanto certos alunos se adaptam e se sentem motivados por uma metodologia específica, outros podem enfrentar dificuldades e menor engajamento. Isso gera percepções diferentes entre os estudantes.

Ademais, optar por uma única metodologia pode prejudicar a relação entre professor e estudante, uma vez que a diversidade de abordagens pedagógicas tende a atender melhor as diferentes necessidades dos alunos. Ao variar as metodologias, o professor pode criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, aumentando a participação e o engajamento dos estudantes.

Portanto, a escolha da metodologia de ensino pelo docente pode promover uma boa relação entre professor e estudante, desde que seja baseada em diálogo, empatia, motivação e aprendizagem. No entanto, se a metodologia não favorecer esses critérios, a qualidade dessa relação pode ser comprometida. Nesse sentido, as narrativas dos estudantes tornaram-se significativas para compreender e comprovar os impactos metodológicos na relação professor e estudante. Essas narrativas ofereceram percepções importantes sobre as experiências individuais dos alunos, destacando os desafios e êxitos encontrados na universidade.

No contexto das estratégias e práticas docentes na escrita acadêmica, a percepção dos estudantes é de que há uma ênfase maior na quantidade de produções textuais do que na qualidade dessas produções, o que pode comprometer tanto o engajamento quanto a aprendizagem dos estudantes.

Essa percepção destaca a necessidade de os docentes equilibrarem a dificuldade das tarefas propostas com o tempo disponível para sua realização, garantindo que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver habilidades de escrita mais eficazes.

Quando os estudantes ficam sobrecarregados, não conseguem extrair o máximo do seu potencial, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e a qualidade de seus trabalhos. Além disso, é necessário que a produção textual tenha orientação adequada do docente, proporcionando feedback detalhado e construtivo, que ajude os estudantes a melhorar continuamente suas habilidades de escrita e a compreender melhor as expectativas acadêmicas.

Outra prática identificada na percepção dos estudantes foi a solicitação de que as questões das provas fossem resolvidas passo a passo. Essa estratégia auxilia o professor a compreender as respostas do aluno, e, também, promove um aprendizado significativo ao incentivar os estudantes a refletir sobre cada etapa do problema e entender o processo de resolução. Isso não só fortalece a compreensão dos conceitos abordados, mas também ajuda os alunos a internalizar as estratégias necessárias para resolver problemas similares no futuro.

Além disso, as narrativas dos estudantes revelaram as metodologias de ensino predominantemente utilizadas pelos professores. As principais metodologias identificadas foram baseadas em provas, seminários, aulas expositivas, leitura e produção de textos, experimentos seguidos de relatórios, discussões em sala de aula e sugestões de materiais complementares, como livros, vídeos e artigos.

As falas dos alunos também ressaltaram a presença de metodologias centradas no professor, onde eles tinham pouca partici-

pação em sala de aula e eram vistos apenas como receptores de conteúdo, enquanto os professores assumiram o papel principal de transmissores. Isso refletiu um certo descontentamento entre os alunos que narrraram suas experiências, pois valorizavam muito mais uma abordagem de aprendizagem ativa, onde pudessem aprender de forma mais participativa.

Isso sublinha a necessidade de o professor promover um diálogo aberto em sala de aula, permitindo que os alunos compartilhem suas dificuldades e desafios com ele. Isso, por sua vez, possibilita que o docente seja mais flexível em suas práticas pedagógicas, identificando áreas para melhorar sua metodologia de ensino e promover uma aprendizagem ativa entre os estudantes.

Quanto à relação entre metodologia e motivação, a percepção dos estudantes é que a metodologia centrada no professor e sem diálogo acaba por desmotivá-los, pois não se sentem valorizados pelas abordagens dos docentes. Por outro lado, uma metodologia que facilita o diálogo e a interação ajuda a motivar os alunos, pois eles se sentem mais engajados e participativos no processo de aprendizagem. Além disso, a variação de estratégias de ensino também é vista como um fator motivacional importante pelos estudantes, pois mantém o ambiente de aprendizagem estimulante, adaptando-se às diferentes necessidades de aprendizagem dos estudantes. Isso revela uma relação crucial entre a motivação dos alunos e a metodologia de ensino escolhida, destacando a importância de práticas pedagógicas que promovam a participação ativa e o envolvimento dos estudantes no processo educacional.

Foi possível identificar, ainda, que além da metodologia de ensino, a postura do docente em sala de aula também exerce

uma influência significativa. Esta postura está diretamente relacionada com a maneira como o professor trata os alunos. As percepções revelaram que estudantes chegaram a ficar ansiosos e com medo e até trancar o curso devido à forma como eram tratados pelo professor, atribuindo a esse docente um papel desmotivador. Por outro lado, outros alunos atribuíram a um professor um papel motivador devido ao seu comportamento afetuoso e atencioso em sala de aula. Dessa forma, a eficácia de uma metodologia de ensino depende, em grande parte, da atitude do professor em demonstrar entusiasmo, oferecer suporte e criar um ambiente de aprendizagem estimulante.

Nesse sentido, o docente além de se preocupar com a seleção da metodologia, ele deve se preocupar e pensar em como suas ações podem influenciar positivamente e negativamente os alunos, a fim decidir o que construtivo e o que não é. Assim, o docente tem a oportunidade de criar um ambiente empático e favorecer a relação professor e estudante.

Relativo às práticas docentes exitosas, na percepção dos estudantes, foram evidenciadas diversas práticas eficazes. Entre elas, os estudantes valorizaram o diálogo, a empatia com os alunos, o incentivo aos alunos, um bom planejamento das aulas e a oferta de feedbacks construtivos. O que são práticas muito importantes para que exista uma boa relação professor e estudante.

Quando os próprios alunos destacam as práticas exitosas dos docentes, isso indica não só a existência de uma relação positiva entre professor e estudante, mas também a valorização dessas práticas pelos alunos. Essa valorização é crucial, pois não só motiva os alunos, mas também inspira o próprio docente. À medida que os alu-

nos frequentam as aulas, participam, tiram dúvidas e interagem com o professor, este encontra uma fonte adicional de inspiração para ensinar e auxiliar os alunos, atendendo às expectativas daqueles que estão entusiasmados com o conteúdo. Outrossim, essas práticas promovem um ambiente de aprendizagem colaborativo e também fortalecem a relação entre professor e estudante, aumentando o diálogo e o engajamento.

Em relação aos impactos das metodologias de ensino na relação professor e estudante na universidade, esta pesquisa evidenciou que a escolha e a implementação dessas metodologias desempenham um papel fundamental na qualidade dessa relação, conforme identificado a partir da percepção dos estudantes. Em geral, a maioria dos alunos percebe um impacto negativo das metodologias centradas no docente, na relação professor-estudante, o que prejudica o diálogo e a motivação, afastando docentes e discentes. Além disso, os alunos apontaram que metodologias focadas apenas na transmissão de conhecimento não favorecem a aprendizagem ativa e a autorregulação da aprendizagem. Nesses casos, o professor é visto como o único detentor do saber, enquanto o aluno é percebido apenas como um receptor passivo. Isso não favorece a construção de conhecimento, impedindo o aluno de sintetizar o que aprendeu, discutir com os colegas, relacionar e contextualizar o conteúdo.

Na percepção dos estudantes, as metodologias que mais favorecem a relação professor e estudante são aquelas baseadas no diálogo, na empatia, no fornecimento de feedback construtivo, nos objetivos bem definidos e nas orientações claras. Além disso, quando o professor é flexível em suas práticas pedagógicas, fica muito mais fácil contemplar as necessidades dos estudantes com variações de estratégias de ensino, o que torna a aprendizagem ativa dos alunos uma prioridade.

Referências

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução Luíz Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação Professor/Aluno. 2010.
- BRAIT, Lílian Ferreira et al. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG, 2010.
- BRITO, Adriana Ferreira; CARVALHO, Cleiry; DA SILVA, Karina Rocha Gomes. O uso do contexto como ferramenta auxiliar no combate as altas taxas de reprovação dos estudantes universitários dos cursos de engenharia. In: Anais: XLI-Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia. Gramado: UFRGS. 2013.
- CHICKERING, A.W. e GAMSON, Z.F. Applying the seven principles for good practice in undergraduate education. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.
- CUNHA, Ana Maria da Silva. A Relação Professor-Aluno e Suas Implicações na Aprendizagem. 2003. Monografia (Especialização em Planejamento de Ensino e Avaliação da Aprendizagem) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, CETREDE – Centro de Treinamento e Desenvolvimento, Fortaleza, 2003.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIMA, Ana Carla R. E.; SANTOS, Cenilza Pereira dos. O “novo” aluno do ensino superior: a docência universitária frente às expectativas de aprendizagem dos estudantes. 2017.
- MOYSÉS, Lúcia Maria. O desafio de saber ensinar. Campinas, SP: Papirus, 1994. p.25.
- PIMENTA, S.G. & ANASTASIOU, L.G.C. Docência no Ensino Superior. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Sandra Carvalho dos. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos” sete princípios para a boa prática na educação de Ensino Superior”. REGE Revista de Gestão, v. 8, n. 1, 2010.
- SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice Salete; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. Práxis educativa. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), e2016289, p. 1-24, 2020.
- SILVA, Fabrício Oliveira da. Formação docente no PIBID: Temporalidades, Trajetórias e Constituição Identitária. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc - Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia. 2017b. 220 fls.
- SIMÕES, L.J., and JUCHUM, M. A escrita na universidade: uma reflexão a partir do que os alunos dizem em seus textos. In: AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. Incursões na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 93-106. ISBN: 978-65-86084-26-9.
- TAPIA, J. A. Motivar en la escuela, motivar en la familia. Madrid: Santillana, 2005. p. 11-19.
- ZIMMERMAN, Barry J.; MOYLAN, Adam R. Self-Regulation. In: HACKER, Douglas J.; DUNLOSKY John; GRAESSER, Arthur C. (org.). Handbook of Metacognition in Education. New.